

História da actividade agrícola no Concelho de Cascais

A história da actividade agrícola no Concelho de Cascais é bastante discreta devido ao cariz de auto sustento que a caracterizou. Existem registos da agricultura desde o neolítico, sendo que esta prática evoluiu com os diferentes povos que ocuparam as terras do concelho. Esta actividade agrícola até a actualidade esteve fortemente condicionada de acordo com a topografia do território.

Em termos topográficos, o concelho caracteriza-se por uma área poente com relevo mais acidentado, o sopé da Serra de Sintra. Tem ainda fortes recortes pelos vales encaixados da foz do Guincho e da Ribeira das Vinhas, um dos principais eixos hidrogeográficos do concelho. O interior caracteriza-se por planaltos, mais protegidos da salsugem. A vertente Sul da Serra é a origem das nascentes de muitas das ribeiras que percorrem o território numa orientação Norte-Sul. Assim, em toda a costa Sul do concelho, se encontram ribeiras que percorrem os respectivos vales e contribuem para a formação de pequenos socalcos. A sua dinâmica de transporte de sedimentos permite a formação de aluviões em áreas aplanadas junto à foz com solos mais desenvolvidos e aptos para a prática agrícola.

No período romano, implementaram-se vilas romanas por diversos locais do concelho, tais como Freiria, Alto da Cidreira, Miroiços, entre outros. Foram importantes unidades de produção agrícola em cujas escavações arqueológicas se encontraram diversos lagares de azeite e vinho (Freiria). Nestes locais, aproveitando as características topográficas referidas, foram introduzidas as culturas cerealíferas, de vinha e de oliveira.

Também os povos muçulmanos tiveram um papel importante no desenvolvimento agrícola de Cascais. A agricultura praticada caracterizava-se por culturas de regadio, com uma maior necessidade de recursos aquíferos e capacidade do solo. Deste modo, estes povos cultivaram os vales e solos de aluvião ao longo das ribeiras do concelho, em pequenas parcelas. Introduziram também o moinho de vento, que até à actualidade subsiste como atracção turística e símbolo cultural do concelho.

Durante o período medieval foram implementados casais de características rurais por diversas áreas do concelho. As suas funções centravam-se na produção agrícola conjunta de propriedades descontínuas de pequenas dimensões.

Foi só a partir do século XVI que se assistiu à formação grandes propriedades agrícolas (que se mantiveram até ao início do século XX), nomeadamente no sector oriental do concelho,. A contínua evolução urbana e a infra-estruturação do concelho (estradas, linha férrea, urbanizações) ditaram o fim das grandes propriedades, provocando um declínio na actividade agrícola.

Sobre a topografia e as culturas

Como já foi referido, a topografia do concelho e a tradição agrícola desenvolvida pelos povos que aqui praticaram, condicionaram as culturas existentes. Estas são, sobretudo, as culturas arbóreas (pinhais, eucaliptais) as culturas de sequeiro (trigo, centeio, cevada) e as culturas hortícolas.

A cultura arbórea desenvolveu-se, na sua vasta maioria, na área ocidental da Freguesia de Cascais, na actual Quinta da Marinha, num eixo que compreendia a área desde o perímetro florestal da Serra de Sintra passando pela praia e a Ribeira da Foz do Guincho prosseguindo ao longo da costa do concelho. A localização costeira destas culturas visava travar o avanço das areias e estabilizar os solos adjacentes, permitindo ainda a protecção das culturas no interior do concelho.

Verificava-se um predomínio de pinheiros, cedros e eucaliptos que viram a sua área de cultivo ser reduzida com o desenvolvimento urbano e turístico. A zona envolvente à praia do Guincho chegou a ter uma exploração florícola significativa, desde a compra dos terrenos pelo Conde de Moser.

Também as florestas e os terrenos baldios tiveram um forte papel no desenvolvimento das culturas arbóreas no concelho. As florestas eram a principal fonte de lenha das famílias rurais, que usavam este produto florestal para os fornos de cozinha, fabrico de pão caseiro e aquecimento durante o Inverno.

A cultura cerealífera desenvolveu-se, especialmente, nas áreas planálticas do concelho, porque os seus terrenos eram propícios à cultura de sequeiro. Destacava-se a área da actual Freguesia de São Domingos de Rana, em tempos considerada o “celeiro do concelho”. Os grandes terrenos produtivos situavam-se nas localidades de Trajouce, Abóboda e Manique, cujo desenvolvimento urbano esteve intimamente ligado à actividade agrícola e às quintas que aí se fundaram, aproveitando o sector montante de diversas ribeiras (Ribeira da Laje, de Caparide).

Não existia uma tradição fundiária no concelho pelo que não era frequente a produção de excedentes sendo a grande maioria das produções para auto consumo.

As culturas de regadio, introduzidas pelo povo árabe e consistindo sobretudo em citrinos e figueiras, proliferaram ao longo das principais ribeiras do concelho. Aproveitavam-se os terrenos mais produtivos das várzeas e a possibilidade de se desviar parte do curso para rega das culturas.

No que respeita às linhas de água, a Ribeira das Vinhas representou um eixo fundamental no concelho, percorrendo uma distância considerável desde a Serra de Sintra até ao centro da vila de Cascais. Os solos produtivos e a maior abundância de água fomentaram o desenvolvimento de diversas quintas (Pisão, Charneca, entre outras) ao longo das suas margens e aluviões, desenvolvendo ainda lugares que mais tarde se tornaram localidades (Cobre, Alvide).

Ao longo da Ribeira de Bicesse, verificava-se a produção de culturas de regadio em pequenas parcelas, junto das localidades (Alapraia). Mais afastado destas localizavam-se quintas de maiores dimensões, das quais a Quinta da Carreira, uma importante propriedade do século XIX, a Quinta de Valverde, a Quinta da Samarra, entre outras.

Em diversas áreas adjacentes a ribeiras no concelho as culturas foram sendo desenvolvidas em pequenas explorações com a finalidade de auto consumo, onde a fraca produtividade de excedentes servia para abastecer os mercados saloios locais.

A exploração pecuária teve, também, uma dimensão considerável no concelho. A produção de gado bovino para produção de leite, em cooperativa era comum. Devido à maior proximidade com a capital, parte da produção servia para abastecer este mercado em expansão.

A produção vinícola centrava-se no Vinho de Carcavelos. Com a compra de uma quinta pelo Marquês de Pombal em Oeiras como residência de veraneio, a exploração da vinha de Carcavelos verificou um novo fôlego na sua produção. Outros notáveis seguiram o Marquês, estabelecendo e fundando quintas por toda a área de Carcavelos e Oeiras, adquirindo terrenos pertencentes a ordens religiosas existentes na área como a Companhia de Jesus (que mais tarde se transformou na Quinta da Alagoa) que já produziam vinho e outros produtos para auto-consumo.

Verificou-se assim um aumento de quintas de grandes extensões exploradas pela nobreza, com características diferentes do que era habitual no concelho. Neste contexto destacam-se as quintas de Cheiinhos, da Ribeira, da Samarra e de Pesos, concentrando a exploração vinícola principalmente nas localidades de São Domingos de Rana, Carcavelos e Livramento.

A Ribeira de Sassoeiros teve um papel importante na exploração vinícola do Vinho de Carcavelos. Ao longo da sua bacia hidrográfica encontravam-se socacos que favoreciam a produtividade da vinha, com abundância de água e protecção dos ventos salinos provenientes da costa.

A qualidade do vinho de Carcavelos foi definitivamente reconhecida pela carta Lei de 18 de Setembro de 1908 demarcando a região vinícola, delimitando-a pela Ribeira de Caparide. Nesse mesmo ano, a sua qualidade foi ainda reconhecida com uma medalha de prata e medalhas de ouro em 1922 e 1927, em competições internacionais e nacionais.

Contudo, mais tarde, a forte concorrência provocou uma redução na venda do vinho de Carcavelos. As vinhas foram sendo abandonadas, provocando uma adulteração na qualidade da vinha e uma invasão de oídio, doença que afectou gravemente as vinhas na região.

Actualmente, subsiste uma percentagem pequena da cultura vinícola do início do século XX. O vinho de Carcavelos é cultivado nos terrenos da estação agronómica no concelho de Oeiras, nas Quintas da Ribeira e dos Pesos no Vale de Caparide.

O desenvolvimento urbano no século XX, nomeadamente com o plano de urbanização da Costa do Sol e a construção de infra-estruturas viárias (Marginal) foi delapidando a exploração agrícola no concelho. As grandes quintas foram cortadas por estradas e pela expansão urbanística, que empurraram a exploração agrícola para o interior. Esta realidade fomentou a dicotomia litoral/interior onde o primeiro era cosmopolita e com diversas perspectivas de crescimento e o interior rural, atrasado e com menores possibilidades de desenvolvimento turístico.

A produção agrícola, pecuária e arbórea no concelho é na actualidade residual, subsistindo a agricultura a tempo parcial, de produção hortícola para auto consumo.

Texto de: João Dinis